

ATOS DE TROCA COMO ATOS DE COMUNICAÇÃO: POSSIBILIDADES PARA UMA ANTROPOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Valéria Soares de Assis*

Resumo: A investigação sobre as práticas de trocas de bens é algo bastante conhecido e explorado nos estudos sociológicos e antropológicos, especialmente naqueles interessados na interface com a economia ou a cultura material. Essa é uma temática rica para pensar e compreender fenômenos sociais imbricados, como o consumo e a comunicação. Este é o objetivo deste texto, apresentar como os atos de troca de bens possibilitam reflexões sobre formas de se comunicar. Para tanto, serão revistos principais aspectos de estudos antropológicos sobre as trocas de bens e em seguida se apontará a potencialidade analítica desses fenômenos como atos comunicativos intersubjetivos.

Palavras-chave: cultura material. Trocas. Antropologia da comunicação.

Abstract: Researches on goods trade practices are well known and explored in sociological and anthropological studies. Especially on those interested in the interface with the economy or material culture. This is a rich theme to think and understand interwoven social phenomena, such as consumption and communication. The aim of this is to present arguments on how exchanges of goods make possible to think about the ways of communication. Therefore, the main aspects of anthropological studies on the trading of goods will be reviewed, and then, point to the analytical potential of these phenomena as communicative intersubjective acts.

Keywords: material culture. Exchanges. Anthropology of communication.

Os homens e os objetos

Quando se diz que os humanos são animais sociais, entre outras coisas, se está dizendo que, para sermos humanos precisamos de outros humanos. Dito de outra forma, nascemos potencialmente humanos, mas para nos tornarmos efetivamente como tal, necessitamos aprender a sê-lo. O aprendizado para o devir humano nos ajuda a compreender como as relações sociais são fundamentais. É na convivência, na vivência social, na sociabilidade constituída por grupos de humanos que o humano se faz e se manifesta.

Se há uma concordância de que o entendimento do humano depende, entre outros aspectos, de se considerar suas relações sociais, não são poucas as investigações empreendidas para compreender sua complexidade e riqueza.

* Professora no Curso de Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá e doutora em Antropologia Social pela UFRGS. Desenvolve estudos sobre cultura material, consumo, comunicação e relações de poder.

Perscrutar as relações sociais faz emergir também o papel decisivo da comunicação intersubjetiva nessas interações.

Como ocorre a comunicação quando as formas de interação se valem de objetos tangíveis como mercadorias e presentes? É com essa intenção que se pretende revisitar estudos clássicos sobre circulação de bens e apresentar suas possibilidades de análise para propostas de investigações nesse âmbito da comunicação. Nesse sentido, pretende-se num primeiro momento relembrar os pontos básicos dos estudos antropológicos sobre trocas e circulação de bens e em seguida destacar seus aspectos comunicativos, relacionando com algumas abordagens sobre cultura material e comunicação.

As trocas de presentes

Em uma de suas obras mais conhecidas, o Ensaio sobre a Dádiva, Marcel Mauss ([1950] 2003) formula uma explicação para as trocas de bens partindo de análises de comportamentos de povos não ocidentais (etnografias de grupos nativos da Melanésia, Polinésia e índios do noroeste dos EUA). Um dos objetivos desse estudo estava em compreender a relação entre homens e coisas para além do viés econômico. Mauss([1950] 2003) observou, pelas etnografias desses povos, trocas e circulação de bens que escapavam ao interesse econômico e se propôs a entender as razões pelas quais esses povos se mobilizavam tanto para a realização dessas trocas. Para isso, empreendeu uma ampla investigação comparando diferentes estudos etnográficos conhecidos até então, com aqueles três inicialmente mencionados.

Mauss([1950] 2003) percebeu uma aparente contradição nas práticas das trocas de presentes. Elas se apresentavam como voluntárias, espontâneas, mas possuíam um forte traço coercitivo aí imbricado. Em diferentes etnografias, observou um código social que ditava a regra do presentear como um ato desprendido de qualquer interesse que não aquele de agradar quem fosse o recebedor do presente. Esta regra também se verifica na contemporaneidade, por exemplo, no aprendizado das crianças quando são estimuladas a darem presentes uma às outras em ocasiões sociais específicas, como em festas de aniversário (SIROTA, 1998).

Nas práticas dos diferentes povos, objetos eram oferecidos e recebidos num aparente desprendimento e liberdade, mas implicitamente guardava expectativas e intenções percebidas pelos atores envolvidos. O aparente ato voluntário de dar, observou Mauss ([1950] 2003), trás consigo uma obrigação de receber e retribuir.

Esse paradoxo entre ação e pensamento levou Mauss ([1950] 2003) a uma primeira construção analítica sobre a natureza das trocas. A aparente contradição compõe a própria natureza da dádiva. Ela é ao mesmo tempo espontânea e coercitiva, é uma ação voluntária com um caráter obrigatório.

A etnografia sobre as trocas de presentes dos trobriandeses definidas como Kula foi fundamental para essa formulação de Mauss ([1950] 2003). As trocas diádicas dos trobriandeses nada tinham de interesse econômico. Eles, organizados em pequenos núcleos populacionais numa região de pequenas ilhas na Polinésia, realizavam periodicamente rituais nos quais as trocas de presentes entre as chefias possuíam um valor social importante. O ritual do Kula consistia em trocas de bens sem função econômica ou utilidade. O interesse estava em dois tipos de objetos, braceletes e colares. Quem presenteava com colares deveria ter a retribuição, tempos depois, em braceletes e vice-versa. O maior interesse das chefias nessas trocas residia na circulação desses objetos pelos grupos que compunham o macro grupo trobriandês. Colares e braceletes possuíam características estéticas e simbólicas que indicavam quem foram seus primeiros doadores. Quanto mais circulavam entre os grupos, mais comunicavam sobre o prestígio e honra daquele que ofertou o presente. Aí residia a razão de todo o investimento na circulação de colares e braceletes. Tratava-se de um interesse político, um meio para a obtenção de prestígio e renome. Quando uma chefia oferece seus presentes e eles são recebidos, ela demonstra socialmente sua riqueza, aspecto importante para suas relações de poder.

Nesta forma de troca há um cuidado meticuloso nas ações. Oferecer um presente precisa ser espontâneo e o recebimento também. Negociar o recebimento ou a retribuição, apresentando qualquer ressalva fere as regras. É um desrespeito que pode significar injustiça, ofensa, levando à possibilidade de rompimento da relação.

Mas falta ainda o esclarecimento sobre o terceiro elemento que compõe o sistema da dádiva (o triplo movimento, dar-receber-retribuir). Ou seja, ainda é preciso entender o que significa retribuir.

Retribuir não significa um novo dar, ele possui o sentido reafirmar a relação iniciada no ato de dar. Estas trocas não comerciais revelam um interesse nos objetos como veículos, como instrumentos para alianças, para o estabelecimento de relações. Oferecer um presente é um convite ao estabelecimento de um vínculo, assim como receber o presente. Somente dando é que se ratifica socialmente a riqueza e seu prestígio. Recusar é impensável, pois significa se declarar derrotado e fracassado, pois o êxito social depende do estabelecimento de alianças. Aceitar o presente abre a possibilidade futura de retribuir.

A troca de presentes é também uma forma de política por que quem dá se apresenta numa posição de força, de riqueza, que lhe permite a generosidade. Por outro lado, o protocolo social impõe a quem recebe a necessidade de demonstrar gratidão, uma posição em desnível. Quem recebe fica em dívida com aquele que ofertou. Mas a relação é necessariamente sempre aberta, incompleta, em movimento espiralado que ainda depende da retribuição. Nesse terceiro movimento, da retribuição, os papéis se rearranjam. Aquele que recebeu assume a ação de oferecer um novo presente em retribuição, colocando-se em uma situação dominante, atualizando a dívida que passa agora ao parceiro que a recebeu.

Assim, Mauss([1950] 2003) sintetiza o sistema da dádiva como composto de uma tripla obrigação: dar, receber e retribuir.

Dito assim, parece que o interesse nessa forma de troca localiza-se apenas nas relações entre as pessoas. Contudo, deve haver um significativo cuidado e dedicação com as coisas, os objetos que circulam nessas relações. A importância sobre os objetos em si, levou Mauss([1950] 2003) a adotar uma explicação nativa dos Maori (índios do noroeste dos EUA). Segundo essa perspectiva, os objetos dados como presentes sempre carregam algo de seu doador, seu espírito, denominado *hau*. Desta forma, os presentes não seriam simples coisas, mas objetos animados, com uma ligação impossível de ser apagada com seu doador. Portanto, o sistema da dádiva não estaria apenas tratando de relações entre pessoas, mas também de uma forma de relação entre pessoas e coisas, distinta das relações mercantis.

Além disso, o cuidado com a escolha do objeto a ser presenteado deve envolver um estudo sobre o tipo de relação que se pretende. Um objeto de valor econômico muito alto indica ostentação de quem oferece e ofende quem recebe, pois dificulta ou impossibilita a retribuição. Igual problema pode ocorrer se o presente for de valor muito abaixo da qualidade ou posição social de quem doa ou de quem recebe, indicando desrespeito, desprezo ou avareza. Dar é um conceito moral que se afasta de dois polos negativos socialmente, onde numa ponta estaria o avarento e na outra, o perdulário. Portanto, a atenção ao objeto escolhido para doação evidencia sua importância no estabelecimento das relações.

As sínteses de Mauss ([1950] 2003) foram aperfeiçoadas em estudos posteriores. As mais significativas para a finalidade deste texto são as provenientes de Lévi-Strauss (2003), Bourdieu (1997) e Godelier (2000).

Lévi-Strauss (2003), comentando esse relevante estudo de Mauss ([1950] 2003), ajusta-o quanto à adoção do *hau* para explicar o interesse pela circulação dos objetos no sistema da dádiva. Segundo este antropólogo, para explicar adequadamente esse sistema é necessário ir além da explicação nativa. Assim, o interesse nas coisas trocadas, estudado com o distanciamento analítico necessário, ocorre por que ela permite a obtenção de bens que ultrapassa a sua materialidade. Diferente do escambo e da comercialização, em que a relação de troca se esgota no objeto em si, no sistema da dádiva, o objeto oferece muito mais. Nele estão concentradas potencialidades de prestígio, reconhecimento, afetividade e, principalmente, aliança social. Esta será a contribuição de Lévi-Strauss (2003) ao estudo das trocas, evidenciar que é por elas que se estabelecem os grupos sociais. As trocas podem levar à aliança ou à guerra, de qualquer forma, ambas significam vínculos sociais.

Bourdieu (1997) se debruçará sobre a dádiva desenvolvendo melhor dois aspectos, a importância do tempo em cada ação da tripla obrigação (dar, receber e retribuir) e sua dimensão simbólica. Um dos aspectos que diferencia a dádiva das formas comerciais ou escambo, encontra-se na determinante marcação do tempo entre o primeiro momento – que é aquele do dar e receber – e o segundo momento, que consiste no retribuir. Bourdieu (1997) evidenciou que faz parte da etiqueta na troca de presentes que a retribuição aconteça depois de um determinado tempo após o recebimento do presente. Esse tempo é fundamental para produzir o

sentimento de endividamento e a disposição ou obrigação em manter o vínculo com a retribuição que deve parecer espontânea, mas imbricada com esses aspectos. Sem esse tempo para a maturação, não se tem a construção dessas significações e sentimentos. Ou seja, uma retribuição imediata de um presente compromete sua possibilidade de construção de uma relação, ficando a troca restrita ao interesse material (escambo).

Outro aspecto importante apontado por Bourdieu (1997) refere-se ao cuidado para que o objeto doado seja carregado de aspectos simbólicos que marquem o vínculo estabelecido entre as partes e concomitantemente se afaste de qualquer lembrança e significação do cálculo. É por essa razão que o presente deve deixar qualquer traço de mercadoria para ser reconhecido como presente. O cuidado na embalagem e na retirada da etiqueta com o valor monetário da mercadoria exemplifica bem esse afastamento do cálculo analisado por Bourdieu (1997). Na dádiva, a troca simbólica que ratifica o vínculo, se efetiva com esse cuidado.

A principal contribuição de Godelier (2000) que nos interessa mencionar aqui é quanto a sua proposição de compreender sobre um aspecto que compõe o sistema da dádiva e que escapou às análises anteriores. Trata-se do que seria um quarto movimento da dádiva, o de guardar o presente recebido. Godelier (2000) nos lembra de que há coisas que não se devem dar, pois elas estariam no âmbito do sagrado. Sagrado entendido não apenas como algo relacionado ao divino, religioso, mas também como algo especial, emocional, afetivo. Assim, o caráter sagrado de alguns objetos os impediriam de serem alienados e serem usados em qualquer tipo de troca. Portanto, as trocas pela dádiva se distanciam das trocas comerciais e também fala daquilo que não participa de qualquer modalidade de troca, mas que possui também uma função importante nas relações sociais intersubjetivas. É possível compreender este aspecto imaginando a situação de recebimento de um presente. Ao recebê-lo se aceita o vínculo intersubjetivo aí imbricado. O presente é uma objetivação dessa relação, que é única e, portanto, especial. Assim, o presente também passa a ser algo especial, sagrado. Torna-se inalienável. Deve ser guardado por ser uma materialização e uma memória desse vínculo.

Neste aspecto, atenta-se que os presentes recebidos são guardados e passam a adquirir significados que lembram uma relação social para os sujeitos envolvidos.

Mas como podem ser compreendidos esses processos de circulação de bens como comunicação? É o que se pretende explicitar a seguir.

A comunicação intersubjetiva com a participação dos objetos

Algumas das perspectivas de estudo das trocas de bens aí destacadas já sinalizaram que elas podem ser analisadas como uma via de comunicação (LÉVI-STRAUSS, 2003; BOURDIEU, 2000). Nesse sentido, a circulação e troca de objetos poderiam ser vistos como uma forma de linguagem (SAHLINS, 2003). Entretanto, abordar as trocas como linguagem leva a um entendimento que coloca os bens como um suporte, uma via para algo que se quer dizer.

A materialidade do objeto fica submetida a algo que representa, só possui valor por aquilo que significa, sendo irrelevante aquilo que é. Sem dúvida, as coisas em circulação carregam significados e características de representatividade e deter-se nessa perspectiva possui sua relevância. Contudo, o que se pretende aqui é apresentar uma alternativa de análise de processos comunicacionais com mais alguns elementos.

Imaginemos um namoro com algum tempo de história. Se aproxima uma data em que o casal comemorará a relação. Nesta data um deles oferece ao outro um presente, um CD com uma música que o casal aprecia e que lembra momentos felizes vividos. O CD, na forma de dádiva, reafirma a relação e fala do vínculo pelo e no presente. O presente possui características que representam a relação, que carrega significados compreendidos e decodificados pelas pessoas envolvidas. Concomitantemente, a materialidade do presente também participa decisivamente do ato comunicativo, embora de forma discreta e, por vezes, pouco consciente.

Sobre este último aspecto, Miller (2013, p.78) chama a atenção para a “humildade das coisas”. O que seria isso? Segundo ele, a cultura material – a profusão de objetos que nos rodeia – dá uma falsa ideia inicial de que ela é menos importante do que outros elementos socioculturais, contudo “... os objetos são importantes não porque sejam evidentes e fisicamente restrinjam ou habilitem, mas justo o contrário.” Ou seja, o objeto se torna relevante não por se destacar ou se impor, mas por compor o cenário, ser um dos elementos que participa ativamente do processo relacional que forma nossa sociabilidade.

Para entendermos melhor o papel dos objetos, voltemos à situação imaginada e descrita acima, sobre os namorados, mas agora com o presente tendo outra materialidade. Nessa nova hipótese, temos um dos parceiros oferecendo a música colocando-a para tocar no encontro com o outro e lhe dizendo que este é o presente de comemoração. Nesta segunda situação vemos a repetição dos mesmos sujeitos humanos e da música, mas uma mudança no objeto dessa última que altera significativamente a expressão da mensagem. Numa primeira possibilidade, temos a música gravada em um CD, que poderá ser manipulado, visto e cuja materialidade poderá ativar a memória de quem recebeu sempre que o tocar, segurar ou ver. Na segunda possibilidade, a sonoridade da música é efêmera e se esgota no momento em que ela acaba de ser tocada. A ausência de materialidade modifica o conteúdo complexo da comunicação. A construção da significação é outra e por esse pequeno exemplo se percebe que a presença ou ausência de uma materialidade não é banal. Assim temos que a comunicação nas trocas não se restringe ao significado da música, ao que ela representa. Ela envolve também toda a ação e presentificação dos três elementos da ação, quem dá, quem recebe e o bem que é dado.

A circulação de objetos tratada aqui é entendida como um dos fenômenos que permite a emergência do social. Nas trocas de objetos são estabelecidos vínculos sociais fundamentais para a estruturação social. De forma convergente temos uma perspectiva analítica semelhante sobre a comunicação. A comunicação intersubjetiva manifesta-se na troca de mensagens entre sujeitos que assim colaboram mutuamente para a constituição de significações que vão conformando o tecido social (MARTINO, 2013). Nesse sentido, trata-se de uma interação comunicativa em que podem ser acionados diferentes signos, entre eles a cultura material.

Por meio do estudo das trocas de presentes podemos perceber que a comunicação só se torna efetiva, completa, por meio da materialidade. As formas expressivas da cultura material são evidentes nos estudos sobre arte, economia, consumo e mesmo mídia. O interessante de estudar a cultura material como um elemento comunicacional é atentarmos para outros âmbitos em que sua expressividade é acionada e se torna importante.

Nesse sentido, pode-se destacar aqui uma análise de Miller (2010) sobre a cultura material religiosa. Miller (2010) afirma que as religiões encontram no tangível

a melhor maneira para expressar o intangível (crenças, valores, moral). Como argumento, lembra os egípcios antigos que investiram na produção de grandes estruturas arquitetônicas, estátuas, mumificação dos corpos, adornos corporais e etc. para expressar sua fé na vida após a morte. Esse mesmo empenho se repete em outras religiões ao longo da história. Apresenta, portanto, esse paradoxo para destacar como, com frequência, “o imaterial só pode se expressar pelo material” (MILLER, 2010, p.111).

Como indica Martino (2010, p.17), a palavra comunicação “reforça o sentido da comunidade – as duas palavras vêm da mesma raiz latina, *communio*”. Nas trocas de objetos temos a comunicação nesse sentido, tanto como uma expressividade, como a produção de algo em comum.

Podemos, igualmente, recorrer a um teórico da comunicação. Em sua análise sobre os meios de comunicação, McLuhan ([1964] 2012) também se aproxima dessa perspectiva, quando argumenta que a mensagem expressa por uma mídia se modifica quando é transmitida por outra. O meio condiciona a mensagem, dando-lhe nova significação. Portanto o meio da mensagem, sua materialidade, é algo que lhe é inerente, um constituinte da mensagem.

Nessa pequena revisão das principais características das trocas de bens pela via da dádiva podemos concluir, portanto, que há na natureza do presente, um ato de comunicação.

Partícipes da comunicação: homens e coisas

Retomando o que foi colocado inicialmente neste texto, que o social humano é constituído por relações, sendo uma das mais significativas, a da dádiva, e que essas são atos de comunicação, queremos concluir enfocando o papel ativo de todos os partícipes. Nessa perspectiva, a interação entre homens e coisas é entendida de forma mais complexa, sendo relevante uma palavra a mais sobre ela.

A separação entre homens e coisas na produção do conhecimento, que classicamente colocava os objetos sobre o domínio humano, passou a ser questionado em estudos mais recentes, levando à proposições radicais que considerariam ambos com possibilidades similares de ação. Nesse sentido, as coisas poderiam ser compreendidas também, em determinados contextos, sujeitos.

Um exemplo neste sentido, apresentado por Gell (1998), é sobre o comportamento recorrente das pessoas ao entrarem em prédios exuberantes, como numa catedral, tal qual a de Colônia (Alemanha). Essa catedral, a maior já construída em estilo gótico, possui a característica de ser tão opulenta e majestosa que, ao entrar, as pessoas sentem-se diminutas, inferiores. Assim, a arquitetura possui uma força de ação sobre as pessoas, fazendo-as reagir, frequentemente com admiração e certa submissão.

Essa perspectiva considera os dois, humanos e coisas, sujeitos. Assim, estaríamos superando uma oposição (sujeito e objeto), dicotomia que limitaria a compreensão da complexidade dos fenômenos sociais. Esses estudos irão introduzir aí a noção agência estendida aos objetos. A noção de agência, adotada, entre outros, por Gell (1998), aponta para uma ideia de que os objetos também são dotados de intenção. Portanto, os objetos podem agir sobre os sujeitos humanos, provocando neles reações; e não ações como seria entendida numa proposição anterior, na dialética entre sujeito e objeto.

Miller (2013) alerta sobre o cuidado que se deve ter com essa perspectiva, pois ao colocar os objetos no status de sujeitos pode-se estar a cometer um reducionismo e simplificação, pois promove o esvaziamento das características que tornam os objetos diferentes dos humanos e, desta forma, comprometendo um avanço efetivo na compreensão da complexidade do social que tais estudos esperam contemplar. Desta forma, segundo Miller (2013), o que se pode avançar efetivamente é num melhor estudo das características da materialidade das coisas e como tal colabora para construir modalidades de relações sociais e processos comunicativos.

Palavras finais

Observamos que os grupos sociais mais elementares se fazem na relação não só entre sujeitos, mas também entre sujeitos e coisas. Essa relação se faz por meio de trocas de signos dos mais variados tipos. Assim, podemos imbricar a circulação de objetos com a comunicação intersubjetiva e compreender que quando se está falando de troca de presentes também se está tratando de uma modalidade de comunicação.

Ou seja, entendendo as trocas de bens como ato comunicativo espera-se contribuir para a reflexão do quanto à comunicação humana é um fenômeno complexo, diversificado, com potencialidade para múltiplas abordagens. O dar, receber e retribuir é uma interação comunicativa entre indivíduos e coisas, um processo comunicacional, intersubjetivo, de âmbito micro social. As trocas celebram a interação social e são, por si mesmas, um ato de comunicação.

Retomando também as palavras iniciais, quando mencionamos que nascemos potencialmente humanos, mas só nos tornamos humanos com outros humanos, é salutar lembrar que esse vir a ser humano é um aprendizado. O que nos leva à educação. Sem pretender avançar por essa via neste momento, colocam-se algumas provocações para uma intersecção entre dádiva, comunicação e educação. Quando se pensa em práticas educacionais de quais formas de relações estaríamos falando? Qual a natureza do bem nas relações de ensino? Quando se pensa em educação podemos dizer que estamos lidando com uma forma de circulação (e de produção) de conhecimento. Se o conhecimento é o bem que circula na educação, qual é o tipo de relação existente aí para caracterizar o processo como educacional? Em outras palavras, quais as implicações de aprendizagem ao lidar com a prática educacional como dádiva ou como mercadoria? Questões instigantes, pois quando se refere à educação também estamos tratando de trocas, de comunicação e de vínculos.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papirus. 1997.

GELL, Alfred. **Art and agency**. New York: Oxford Press. 1998.

GODELIER, Maurice. **O enigma da dádiva**. Tradução: Pedro Miguel Elói Duarte. Lisboa: Edições 70. 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify. [1950] 2003. p. 11-46.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix. [1964] 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade**. São Paulo: Paulus. 2010.
_____. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 2013.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In:_____. **Sociologia e antropologia**.
Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify. [1950] 2003. p. 183-314.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro:
Zahar. 2013.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Tradução: Sérgio Tadeu de Niemayer
Lamarão. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.

SIROTA, Régine. Les copains d'abord. **Ethnologie française**. n. XXVIII, v.4. 1998.
p.457-471.